

A EXPERIÊNCIA DE MÃES APÓS A MORTE DA CRIANÇA

Helisa Maria Canuto Jacinto¹

Juciane de Holanda Santos²

Thaissa Danielle dos Santos Silva³

Daniela do Carmo Kabengele⁴

Psicologia



**cadernos de
graduação**

ciências humanas e sociais

ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compreender a experiência de mães que vivenciaram a morte de um(a) filho(a) na fase infantil (do nascimento aos 11 anos idade). A pesquisa está sendo realizada na Associação dos Pais e Amigos dos Leucêmicos de Alagoas (APALA). O instrumento utilizado para coleta dos dados consiste em entrevistas semi-estruturadas com mães selecionadas de acordo com critérios de inclusão e exclusão. A metodologia segue uma proposta qualitativa embasada no modelo fenomenológico, caracterizada por estudo de caso. Os procedimentos para análise e discussão dos resultados ocorrerão a partir do método fenomenológico de Giorgi (2000), que consiste em descrever com maior precisão os fenômenos vivenciados, que se enquadram na perspectiva da Gestalt-terapia como aporte teórico. Atualmente, percebe-se uma espécie de tabu a respeito deste tema, na medida em que as pessoas evitam falar abertamente sobre o assunto devido à dor e o sofrimento que gera para as mães e a família, em sentido mais específico, e o mal-estar para a sociedade, de maneira geral. Este trabalho pretende contribuir com o avanço de pesquisas sobre a experiência de mães que perderam seus filhos ainda crianças, fornecendo subsídios básicos para profissionais de Psicologia e áreas afins.

PALAVRAS-CHAVE

Morte da Criança. Experiência das Mães. Gestalt-terapia.

ABSTRACT

The objective of this study is to understand the experience of mothers who have seen the death of her child in the infantile phase (from birth to 11 years of age). The research is being conducted at the Association of Parents and Friends of Leukemia of Alagoas (APALA). The instrument used for data collection consists of semi-structured interviews with mothers selected according to inclusion and exclusion criteria. The methodology follows a qualitative proposal based on the phenomenological model, characterized by a case study. The procedures for analyzing and discussing the results will be based on the phenomenological method of Giorgi (2000), which consists of describing with greater precision the phenomena experienced, which are part of the Gestalt therapy perspective as a theoretical contribution. Nowadays, there is a kind of taboo about this subject, insofar as people avoid talking openly about the subject because of the pain and suffering it generates for mothers and families in a more specific sense, being for society in general. This work intends to contribute with the advancement of research on the experience of mothers who lost their children as children, providing basic subsidies for Psychology professionals and related areas.

KEYWORDS

Death of the child. Mothers' experience. Gestalt therapy.

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea busca-se constantemente prolongar a vida, seja por meio da Medicina ou de mudanças de hábitos. Apesar disso, os avanços tecnológicos não fizeram de os indivíduos seres imortais (DOMINGUES et al., 2013). E, ainda que os indivíduos tenham consciência acerca da finitude da vida, muitos agem como se a morte não fosse algo real criam planos a longo prazo para tentar ignorar sua mortalidade (TOMA; OLIVEIRA; KANETA, 2014), tornando os "planos para o amanhã" mais importantes do que viver o momento presente e, deixando para depois muito do que poderia ser feito ou vivido hoje.

A morte é um tema evitado por muitos, ainda mais quando se trata do fim da vida de uma criança. Esse fato pode estar relacionado às expectativas da sociedade sobre a infância, planos acerca de seu desenvolvimento que se diferem, por exemplo, das expectativas e planos acerca da velhice. Em relação à velhice, presume-se que já se vivera o bastante e que o momento da morte está próximo.

Em que pese o fato de a vivência do luto ser individual, quando cada indivíduo tem sua própria experiência após a morte de alguém que ama, a vivência de mães que perderam um(a) filho(a) na fase infantil é permeada de muito sofrimento, principalmente quando a criança significa para a mãe seu laço mais forte, construído na relação mãe-filho(a).

Dentre as abordagens existentes na Psicologia, a Gestalt-terapia é uma abordagem fenomenológica que se preocupa com as mudanças necessárias que podem levar à superação da dor e, em casos específicos, com caminhos para a cura do indivíduo. Na Gestalt, mudar representa atribuir um novo significado às coisas, pessoas e principalmente à própria existência (RIBEIRO, 2007). Ao atuar com mães que perderam um(a) filho(a), a Gestalt permite compreender como as mães dão um novo significado à própria vida após a perda da criança.

De todo modo, é preciso deixar claro que este estudo não pretende tratar da morte da criança no âmbito hospitalar, mas compreender o modo pelo qual as mães vivenciam a morte de um(a) filho(a) na fase infantil sob a perspectiva da Gestalt-terapia e seu enfoque fenomenológico no aqui e agora. Na literatura, há uma lacuna no conhecimento dos aspectos psicológicos, os quais envolvem sentimentos e emoções decorrentes de tal experiência.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A proposta para a realização desta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Tiradentes (UNIT/AL), obedecendo as Resoluções 466/12 – 510/16, que preconizam, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, referenciais de beneficência, justiça e equidade e visam a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado. A aprovação consta no Sistema Nacional de Ética em Pesquisa por meio do parecer nº 2.436.316.

No que concerne aos critérios de inclusão e exclusão, as mães enlutadas pela morte de um(a) filho(a) foram convidadas a participar como voluntárias da pesquisa. Foram incluídas no estudo as mães que perderam seus filhos na fase infantil (do nascimento aos 11 anos), que residem na cidade de Maceió e que durante o tratamento do(a) filho(a) tenham sido assistidas pela Associação dos Pais e Amigos dos Leucêmicos de Alagoas (APALA). Foram excluídas mães que tenham o diagnóstico de depressão após a perda do(a) filho(a).

Fundada em 1993, a APALA é uma instituição sem fins lucrativos, mantida exclusivamente por doações, tem o propósito de atender crianças e adolescentes com leucemia em Alagoas. Possui em sua estrutura, espaços lúdicos; consultório odontológico; setor de psicologia, serviço social e pedagógico; departamento administrativo; salas de TV, voluntariado e reunião; cozinha; auditório; bazar e oficina de arte. Aos pacientes e seus cuidadores, a instituição oferece acompanhamento social e psicológico, refeições diárias, auxílio para a compra de medicamentos, transporte para realização de exames e tratamento, cesta básica, dentre outros serviços e fomentos.

A pesquisa segue uma proposta metodológica qualitativa fundamentada no modelo fenomenológico. Na perspectiva qualitativa, busca-se descobrir tendências e processos que explicam o como e o porquê dos acontecimentos. O método fenomenológico possibilita compreender os fenômenos tal como eles são vivenciados em dado momento e se enquadra na perspectiva da Gestalt-terapia como aporte de pesquisa.

Para o embasamento teórico da pesquisa, estão sendo utilizados materiais publicados em livros e periódicos científicos referentes ao tema proposto encontrados nos acervos virtuais do portal de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), nas bases de dados: *Scientific Electronic Library – SciELO*; no Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia – PePSIC; no Portal de Periódicos Eletrônicos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); na plataforma Google Acadêmico; assim como, em acervos da biblioteca da UNIT/AL e trabalhos acadêmicos, como Teses de Doutorado e Dissertações de Mestrado.

O estudo tem como amostra dez mães que perderam um(a) filho(a) na fase infantil (do nascimento aos 11 anos) e que durante o tratamento do(a) filho(a) receberam assistência na APALA. A pesquisa é realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, com roteiro previamente definido, para obter informações mais aprofundadas sobre a experiência das mães que vivenciaram a morte de um(a) filho(a).

Para analisar as entrevistas, está sendo feita uma sistematização em três categorias de perguntas: reações somáticas; em seguida, reações gerais do luto materno e na sequência, a coleta de dados sobre o suporte social e as estratégias de enfrentamento. Todas as categorias estarão correlacionadas às mudanças somáticas, psíquicas e sociais que ocorreram após a perda do(a) filho(a).

Os procedimentos para a análise dos dados são conduzidos a partir dos materiais coletados nas entrevistas, nas quais teorias e questões relacionadas à pesquisa são utilizadas para auxiliar no processo de compreensão das expressões das participantes, por meio do método fenomenológico de Giorgi (2000).

No que se refere à descrição dos procedimentos de pesquisa e forma de análise dos dados, operamos em três etapas. A primeira etapa consiste na pré-análise da organização do material, com o intuito de sistematizar as ideias iniciais. Na segunda etapa, será realizada a categorização dos dados referente à análise do material, com determinação de categorias, análise dos documentos pela identificação das unidades de registros e pela contagem frequencial dos mesmos. A terceira etapa é composta pela inferência à interpretação da análise dos resultados atribuída pela condensação das informações obtidas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 CONCEITO DE MORTE NA CONTEMPORANEIDADE

A compreensão da morte na contemporaneidade é complexa, pois existe a variedade de conceitos atribuídos ao tema, de acordo com a época, o contexto e cultura em que cada indivíduo está inserido. O significado de morte pode variar, por exemplo, entre um idoso de origem japonesa, seguidor do Budismo, crença a qual prega a aceitação do inevitável e um jovem norte-americano, criado sob a crença de que é dono de seu próprio destino, até se este jovem também tenha a origem japonesa (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Ainda que seja um acontecimento biológico, a morte não está restrita apenas à dimensão física, posto que abrange também “aspectos sociais, culturais,

religiosos, legais, psicológicos, clínicos, éticos e de desenvolvimento, que, com frequência, estão intimamente interligados” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 636). Para os autores, por mais que a morte e a perda possam ser descritas como experiências universais, o cenário é cultural, ou seja, o entendimento da morte irá variar em diferentes contextos culturais.

Algumas sociedades contemporâneas e desenvolvidas lidam com a morte de uma maneira, de certa forma, “distante”, quando a morte é transferida para o contexto hospitalar e termina com um funeral realizado de forma discreta e rápida (TEIXEIRA, 2016), como pode ser observado, em grande parte da sociedade brasileira, o que parece causar um impacto menor àqueles que ficam.

A morte gera uma grande inquietação, considerando que se faz presente nos aspectos do dia a dia dos indivíduos, desde os hábitos de alimentação, segurança, assim como nas práticas médicas para cuidar da saúde. A morte é temida por ser algo ao qual não se tem o controle, descrita como “invisível, intangível, indomável, desconhecido”. O medo causado pela morte passou a delinear a existência dos indivíduos, que tentam evitá-la (TEIXEIRA, 2016). Esse medo surge por não se saber quando e como esta morte ocorrerá (EIZIRIK; POLANCZYK; EIZIRIK, 2013, p. 242).

Na sociedade contemporânea, o foco maior está relacionado ao ganhar e nunca perder, seja dinheiro, poder, entre outras coisas. São perdas diárias as quais costumam ser negadas. E, neste sentido, a morte representaria a perda mais profunda do indivíduo.

Apesar de a morte ser algo inevitável, pensar ou falar sobre este assunto pode gerar um mal-estar. Para muitos indivíduos, a morte é considerada um tabu. A palavra tabu remete ao “medo ou proibição de origem religiosa, social ou cultural”, “assunto de que não se pode ou se deve falar” (FERREIRA, 2001). A temática da morte pode, em dada medida, dialogar com as ideias que perpassam o conceito de tabu, porque:

A humanidade, por conseguinte, ao longo do processo histórico, constitui um conjunto de crenças e de representações frente ao fenômeno do falecimento. São esses comportamentos culturais que vão nortear as atitudes dos membros das sociedades diante deste evento, sendo que a maneira como uma determinada sociedade se coloca perante a morte exerce uma função decisiva na construção e manutenção de sua própria identidade coletiva. (WEISS, 2014, p. 39).

Ao se referir à morte de crianças, a complexidade da temática é ainda maior. Independente das circunstâncias que causaram a morte, seja de maneira súbita ou devido à alguma doença crônica e sem a possibilidade de cura, o fim da vida de uma criança “será permeado por silêncio e perda de seu status de fenômeno natural para um tabu que é sempre relacionado a uma experiência dolorosa e de difícil aceitação” (PAMPOLHA, 2013, p. 21). Para uma melhor compreensão acerca da morte da criança, faz-se necessário, também, um entendimento do que é o desenvolvimento infantil e a infância, na perspectiva da sociedade contemporânea.

3.2 DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O ciclo vital é o processo de transformações que ocorre ao longo da vida, iniciado desde o nascimento da criança até o fim da vida. Ele é dividido em oito fases: período pré-natal (da concepção ao nascimento); primeira infância (nascimento aos 3 anos); segunda infância (dos 3 aos 6 anos); terceira infância (dos 6 aos 11 anos); adolescência (dos 11 aos 19 anos); início da vida adulta (dos 20 aos 40 anos); vida adulta intermediária (dos 40 aos 65 anos) e a vida adulta tardia (65 anos em diante). Apesar da apresentação do ciclo vital dividido em períodos, este processo é uma construção social. Para quem aceita, pode parecer natural, mas esta divisão é algo criado por uma determinada cultura ou sociedade (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

O próprio conceito de infância é visto como uma construção social, ao se compreender que o termo criança é utilizado para o indivíduo e o termo infância para o tempo em que o indivíduo se constitui e constrói a sua história. No entanto, o termo correto para a infância seria infâncias (no plural), devido às diversas significações que existem sobre este termo ao longo dos anos (SIQUEIRA, 2011).

No livro História social da criança e da família, Philippe Aries (1981) explica que, no século XVII, a infância era reduzida ao período em que a criança não conseguia sustentar-se sozinha, ou seja, à fase bebê. Nesses primeiros meses de vida, os indivíduos expressavam um sentimento superficial às crianças, que Aries denominou no livro de "paparicação". Avançando na explicação, o autor salienta que:

As pessoas se divertiam com a criança pequena como com um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse, então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois uma outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato. (ARIES, 1981, p. 04).

O anúncio da chegada de uma criança na família passou a gerar uma alegria incomensurável e expectativas quanto ao nascimento, crescimento e saúde (REBELO, 2013). Durante toda a gestação, a mãe lida com diversas emoções e expectativas relacionadas ao aspecto físico da criança e imagina que tipo de postura este indivíduo exercerá perante a sociedade. Nessa fase, as mães precisam realizar escolhas que as preocupam, visto que desejam o melhor para si e para a criança (BEE; BOYD, 2011).

Os pais (pais e mães, homens e mulheres) planejam um futuro promissor para a criança de acordo com o que consideram adequado na sociedade e idealizam características, atribuindo uma significação à vivência da parentalidade. Todavia, há uma desestruturação nos pais quando o futuro que planejaram para os filhos é interrompido por uma doença terminal ou pela morte propriamente dita (MORELLI; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2013). Vivenciar a morte de um(a) filho(a) é, para os pais, algo doloroso, visto que, além da perda na materialidade, são desfeitos desejos e sonhos relacionados à criança.

3.3 MORTE DA CRIANÇA

A morte é o desligamento da vida e pode ser vivenciada pela criança que está na iminência de morrer por meio de manifestações de choro, raiva, alteração no sono e tristeza, devido ao rompimento dos laços afetivos. Na morte da criança, alguns procedimentos são priorizados, como controlar a dor que ela esteja sentindo; preservar a qualidade de vida e respeitar a escolha dela sobre o local da morte, em consenso com as escolhas da família (PAMPOLHA, 2013).

O entendimento da morte para a criança ocorre conforme seu desenvolvimento durante os anos. A criança percebe a morte até os cinco anos de idade como algo que pode ser revertido. A partir dos cinco, ela começa a ter a percepção de que os mortos não retornam à vida, mas ainda não consegue entender a diferença entre um indivíduo morto e um indivíduo vivo. Ao completar sete anos, a criança adquire uma consciência sobre a morte, imaginando possíveis causas e efeitos que a ocasionaram. Entre nove e dez anos, a criança compreende que a morte é irreversível, inevitável, permanente, universal e uma etapa da vida, conseguindo também identificar a diferença entre um indivíduo morto e um indivíduo vivo (SALVAGNI et al., 2013).

Falar sobre a morte com a criança é importante para proporcionar um ambiente em que a criança possa explorar e obter respostas, ao invés de iniciar uma conversa, criando eufemismos ou ilusões que gerem confusão nos pensamentos (SENGIK; RAMOS, 2013). Os adultos apresentam comportamento de evitar o assunto da morte pelo fato de a palavra evocar os seus medos, principalmente seu próprio medo da morte. Ao pronunciar a palavra, o adulto acredita que irá atraí-la para perto e isso ocasionará pensamentos destrutivos e dolorosos sobre a morte da criança (MELLO; BASEGGIO, 2013).

A iminência da morte pode ocasionar o isolamento da criança de sua rotina habitual, ocorrendo mudanças no âmbito escolar, nos aspectos fisiológicos e no contato com os membros da família (HELENO, 2013). De acordo com a idade da criança, o afastamento de seu meio social é percebido e vivenciado por meio do luto antecipado.

3.4 LUTO DOS PAIS

A morte de um(a) filho(a) é considerada um dos momentos mais traumáticos e devastadores na vida dos pais. Os laços parentais de proteção e educação são desfeitos e os pais precisam lidar com sentimento de culpa e frustração (HELENO, 2013). O significado que os pais atribuem à existência de um filho pode auxiliar no processo de adaptação em relação ao sentimento de perda e à forma pela qual o luto é vivenciado. Além do sofrimento, os pais que perdem um filho vivenciam intensos sentimento de impotência, fracasso, raiva, indignação, revolta e inconformismo (PAMPOLHA, 2013).

A maior parte dos indivíduos apresentam uma grande dificuldade quanto à vivência da morte de uma criança, diferente do falecimento de indivíduos em outras etapas do ciclo vital, que não a infância. A perda de uma pessoa da família e a adaptação à situação podem provocar mudanças em praticamente todos os aspectos da

vida dos familiares, desde a mudança de status e de papel, até consequências sociais e econômicas (PAMPOLHA, 2013).

A questão é que a morte parece não compreender os desejos dos pais. Ao surgir nos lares de famílias que perderam seus filhos, a morte leva para longe aqueles a quem mais se pode amar. Em algumas situações, os pais podem sentir-se como quem perdeu a força para continuar vivendo. A morte causa mudanças em diversos sentidos, tanto na vida daquele que partiu como na vida daqueles que ficaram (NOVAIS, 2015).

Talvez essa constatação derive do fato de que, quando a morte visita o nosso lar e leva para outra dimensão um (ou mais) dos nossos filhos, houve uma quebra, um rompimento em uma ordem natural da vida, já que é muito mais aceitável que os pais morram antes de seus filhos. O ciclo previsível é que os filhos cresçam, se estabeleçam na vida, constituam família e sepulquem seus pais. (NOVAIS, 2015, p. 19).

A morte de um(a) filho(a) gera mudanças no cotidiano dos pais, e pode incentivá-los a refletir sobre todos os aspectos de suas vidas, pois a perda vivenciada os afeta de maneira irreversível, desconstruindo seus sonhos. Ao percorrer os lares das mães enlutadas, foram identificados dois tipos de comportamentos: mães que encontram no sofrimento ocasionado pela perda uma ferramenta para amadurecer espiritualmente e outras que permanecem totalmente destruídas com a morte do filho, não vislumbrando possibilidades de caminhos a seguir no enfrentamento do luto (NOVAIS, 2015).

A interrupção do ciclo natural da vida na infância desconstrói a perspectiva da família e da sociedade, que anseiam em criar um futuro que por ventura não há de se concretizar, uma vez que à criança não foi concedido o direito de crescer. É a partir do momento em que a pessoa enlutada aceita a difícil realidade da perda que "aos poucos se liberta do vínculo com o falecido e se readapta à vida desenvolvendo novos interesses e novos relacionamentos" (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 640). De acordo com Rebelo (2013), simbolizar a morte de um filho inicialmente através de uma palavra é a primeira atitude consciente para amenizar as inseguranças que a fatalidade provoca. Primeiro, com a aceitação da irreversibilidade e depois, com a aceitação da extinção do sofrimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a Gestalt, o contato é saúde, considerado como o encontro do ser em dois pontos de vista: metafísico e fenomênico. A saúde é vista como a demonstração do contato em ação e o indivíduo vivencia através de um processo de autorregulação organísmica. Quando ocorre uma interrupção do contato, há a ausência de saúde. A doença gera no indivíduo uma perda da totalidade organísmica e uma negação da energia existente em nossa corporeidade, ao aceitar essa inexistência, admite-se a

existência do nada, sendo a morte definida como “a perda da energia total e consequente retorno ao nada” (RIBEIRO, 2007, p. 53).

Na perspectiva da Gestalt-terapia existem duas formas de vivenciar a morte ou uma perda: a saudável e a disfuncional. Na forma saudável, o indivíduo consegue ultrapassar todas as fases da negação até a aceitação da morte, sendo particular a maneira como a morte é encarada em cada fase. Na vivência disfuncional, o indivíduo não consegue passar de uma fase para outra, fixando-se na situação inacabada, o que acaba gerando mais sofrimento (MARTINS; LIMA, 2014).

O luto vivenciado pelas mães pode ser explicado na relação “eu-tu”. O sentido existencial menciona que o “tu” existe na relação do outro de ser-no-mundo e a eliminação da presença do “tu” é o elemento principal para a experiência do luto. Na abordagem fenomenológica, cada indivíduo faz parte do outro, atribuindo-lhe uma significação à vida ou à relação que estabeleceu com o ele. Com a morte da criança:

O “tu” não estará mais presente em sua corporeidade, com sua voz, seu toque, seu cheiro, sua materialidade, entretanto não cessa de se apresentar como parte da existência do enlutado: lembranças, fotos, desejos, vidas e momentos partilhados fazem com que o “tu” não cesse totalmente de se apresentar; entretanto, não compartilhará mais do mundo como um “outro eu mesmo” (FREITAS, 2013, p. 103).

Algumas mães expressam o desejo de superar o luto. Porém, a palavra superar é interpretada como sinônimo de esquecimento da relação com o filho. É preciso atuar atribuindo um novo significado a essa relação com o objetivo de eliminar o peso da culpa para as mães, proporcionando uma autorregulação orgânica (FREITAS, 2013). O gestalt-terapeuta procura encorajar o indivíduo a enfrentar seus obstáculos e reconhecer os possíveis caminhos que pode seguir, sem exigir nenhum resultado (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2013). Respeita-se o movimento do indivíduo para que o mesmo possa descobrir o sentido da própria existência.

Se falar sobre a morte faz com que o indivíduo acesse o que há de categórico para o ser humano, isto é, o fim da vida, pesquisar sobre a experiência de mães que vivenciaram a morte de seus filhos dá a ver esse imperativo impiedoso em lente inversa. Este estudo pretende contribuir para a elaboração de propostas de intervenção junto à realidade de mães que vivenciaram a morte de seus filhos.

REFERÊNCIAS

ARIES, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC – Livros técnicos e científicos, 1981. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/347615/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria%20social%20da%20crian%C3%A7a%20e%20da%20fam%C3%ADlia,%20Aries.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2017.

BEE, H.; BOYD, D. Nascimento e primeira infância. In: BEE, H.; BOYD, D. **A criança em desenvolvimento**. 12.ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DOMINGUES, G.R. et al. A atuação do psicólogo no tratamento de pacientes terminais e seus familiares. **Psicologia Hospitalar**, São Paulo, v.11, n.1, p.2-24, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ph/v11n1/v11n1a02.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

EIZIRIK, C.L.; POLANCZYK, G.V.; EIZIRIK, M. A morte: a última etapa do ciclo vital. In: EIZIRIK, C. L.; BASSOLS, A.M.S. **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicossomática**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

FERREIRA, A.B.H. **Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FRAZÃO, L.M.; FUKUMITSU, K.O. **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013.

FREITAS, J.L. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v.19, n.1, , pp. 97-105, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v19n1/v19n1a13.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2017.

GIORGI, A. Phenomenology & Psychological Research. USA. In: WILLIG, C.; STANTON-ROGERS, W. (Org.). **The SAGE Handbook of Qualitative Research in Psychology**. Califórnia: Sage Publications, 2000.

HELENO, S.L.A. Cuidados paliativos em pediatria. **Revista Evidências**, Oliveira de Azeméis, p.41-49, abril 2013. Disponível em: <<http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/10233/2/7...pdf>>. Acesso em: 7 set. 2017.

MARTINS, M.; LIMA, P.V.A. Contribuições da Gestalt-terapia no enfrentamento das perdas e da morte. **IGT na Rede**, v.11, n.20, p.3-39, 2014. Disponível em: <<https://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=483>>. Acesso em: 16 out. 2017.

MELLO, A.R.; BASEGGIO, D.B. Infância e morte: um estudo acerca da percepção das crianças sobre o fim da vida. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v.5, n.1, p. 23-31, 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotekevvirtual.org/index.php/2013-02-07-03-02-35/2013-02-07-03-03-11/1069-psico-imed/v05n01/10609-infancia-e-morte-um-estudo-acerca-da-percepcao-das-criancas-sobre-o-fim-da-vida.html>>. Acesso em: 15 set. 2017.

MORELLI, A.B.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M.A. Impacto da morte do filho sobre conjugalidade dos pais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Manguinhos, v.18, n.9,

p.2711-2720, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n9/v18n9a26.pdf>>. Acesso em: 7 set. 2017.

NOVAIS, C. **Mães de luto**. Capivari: Ema, 2015.

PAMPOLHA, S.S.A. "**Criança não deveria morrer**": significados atribuídos por profissionais de saúde ao paliar crianças em iminência de morte. 2013. 107f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Filosofia e Ciências, Humanas Universidade Federal do Pará. Belém, 2013. Disponível em: <<http://www.ppgp.ufpa.br/PAMPOLHA%20SSA%20.pdf>>. Acesso em: 7 set. 2017.

PAPALIA, D.E.; FELDMAN, R.D. O estudo do desenvolvimento humano. In: PAPALIA, D.E., FELDMAN, R.D. **Desenvolvimento humano**. 12.ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

REBELO, J. E. **Defilhar**: como viver a perda de um filho. Portugal: Casa das Letras, 2013.

RIBEIRO, J.P. **O ciclo de contato**: temas básicos na abordagem gestáltica. 4. ed. São Paulo: Summus, 2007.

SALVAGNI, A. et al. Reflexões acerca da abordagem da morte com crianças. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, São Bernardo do Campo, v.21, n.2, p.48-55, 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/view/4070/3715>>. Acesso em: 15 out. 2017.

SENGIK, A.S., RAMOS, F.B. Concepção de morte na infância. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v.25, n.2, p.379-387, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n2/15.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2017.

SIQUEIRA, R.M. **Do silêncio ao protagonismo**: por uma leitura crítica das concepções de infância e criança. 2011. 222f. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/1086/1/TESE%20Romilson%20Martins%20Siqueira.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2017.

TEIXEIRA, A.L. Gestões de vida e morte: um olhar sobre o morrer no contemporâneo. **AYVU - Revista de Psicologia**, Niterói, v.2, n.2, p.150-171, 2016. Disponível em: <<http://www.ayvu.uff.br/index.php/AYVU/article/view/69/58>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

TOMA, M.D.; OLIVEIRA, W.L.; KANETA, C.N. Comunicação de prognóstico reservado ao paciente infantil. **Revista Bioética**, Brasília, v.22, n.1, p.540-549, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bioet/v22n3/v22n3a18.pdf>>. Acesso em: 5 out. 2017.

WEISS, I.K. As faces da morte: um estudo antropológico das variadas formas de inumação. **Revista Alamedas**, Toledo, v.2, n.1, p.37-50, 2014. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/alamedas/article/view/10137>>. Acesso em: 5 out. 2017.

Data do recebimento: 5 de janeiro de 2018

Data da avaliação: 16 de fevereiro de 2018

Data de aceite: 3 de março de 2018

1 Acadêmica do Curso de Pedagogia EAD da Universidade Tiradentes – UNIT.

E-mail: crisanamelody@hotmail.com

2 Acadêmica do Curso de Pedagogia EAD da Universidade Tiradentes – UNIT.

E-mail: jackmarques54@hotmail.com

3 Mestranda em Sistemas e Computação, Universidade de Salvador – UNIFACS; Pós-Graduada em Tecnologias da Informação, pela Universidade Federal de Sergipe – UFS; Licenciada em Informática e Bacharel em Ciências da Computação; Coordenadora do curso de Tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Informática - Licenciatura EAD, Universidade Tiradentes – UNIT. E-mail: annanette@gmail.com

4 Docente do Programa de Mestrado em Sociedade, Tecnologias e Políticas Públicas do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL; Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL; Doutora em Antropologia E-mail: daniela_carmo@al.unit.br